#### 701. morrer como o mar aral, 2017 luciano

o rio da minha vida está assoreado

a minha barragem secou

as nuvens não trazem chuva

a essência da poesia não se discute

faz-se, escreve-se, lê-se

a poesia liberta-nos

voamos nas suas asas

abrimos todas as grades

o meu destino

é rumar na musa

desaguar na foz

morrer seco

como o mar aral



#### 707 votos 2019 carolina

que venha um asteroide

ou o planeta nibiru

que yellowstone entre em erupção fatal

ou o filho de cracatoa

ou que o mar vomite

os oceanos de plásticos e nos engula

que os maremotos, terramotos destruam esta desumanidade

e que 2019 assista a um novo mundo

começando do zero absoluto



#### 705 o paraíso é aqui 2018 pedro paulo

dizem que o oceano é um mar sem palavras

e que as montanhas são ondas sem espuma

e quando não há rios

as águas desaguam nos céus

e quando não há sol

ele surge debaixo da terra

e até eu acredito que podemos

viver em vulcões extintos



#### 686 saudade do que nunca foi, 2016 chrys

*«ah, não há saudades mais dolorosas*

*do que as das coisas que nunca foram! [[1]](#footnote-1)*

tenho tanta saudade

do que nunca aconteceu

só o poeta pode fazer acontecer

aquilo de que temos saudade

por nunca ter acontecido



#### 653. sair da ilha, 2014 luciano

o marulhar das águas embala caleidoscópios

sem âncoras nem amarras

vogamos sem destino ao sabor dos ventos

o importante é sair da ilha e alijar bagagens

nascer de novo, longe, bem longe

lá, onde se aprende a saudade



#### 702. pico, ao urbano bettencourt 2017 carolina

no rossio do mar

plantei as vinhas da vida

nos poços de maré

bebi água insalubre

nas bocainas, jarões e traveses

colhi o néctar dos czares

esta é a magia da ilha montanha

nela me sento e me sinto

órfão da atlântida perdida



#### 543. ao urbano bettencourt 2012 Pedro Paulo

urbanamente vives

nas pinceladas das tuas palavras

a tua paleta pinta poesia

teus livros erguem-se impantes

como teu pico natal

amores e desamores de ilhas

que unes em pontes de poesia

que sentes em dores

que pariste em árvores

sem sombras nem véus

nenhuma luz apagarás!



#### 703. mar de palavras, à ana paula andrade 2018 chrys

parti as palavras

como quem parte pedra

com elas calcetei avenidas

de sonhos incumpridos

plantei catos e cardos

como quem planta rosas

colhi espinhos

como quem colhe pétalas

e do ramo que te ofertei

brotaram palavras felizes

neste mar de música que habitamos



#### 568. sem perfume de caju, ao urbano bettencourt 2013 luciano

na humidade da savana

no calor da tabanca

tange urbano a sua harpa

palavras aceradas como o vento suão

batuque abafado na bolanha

longe do país de bufos e beatas[[2]](#footnote-2)

traduzes as sílabas de morte e vida

rumores desse cheiro de áfrica

colado na pele que esfregas

com napalm e metralha

que nunca conseguiste lavar

nem com as chuvas da monção



#### 641. aos açores, 2013 carolina

…

aos açores só se chega uma vez

depois são saídas e regressos

transumâncias

trânsitos e errâncias

…

dos açores não se parte nunca

levamo-los na bagagem

sem os declararmos na aduana

acessório de viagem

como camisa que nunca se despe

…

nos açores nunca se está

a alma permanece

o corpo divaga

mas a escrita perdurará.



#### 632. ser açoriano, 2013 Pedro Paulo

não se é ilhéu

por nascer numa ilha

é preciso sentir-lhe a alma

partilhar raízes e dores

acartá-la nos partos difíceis

tratá-la nas enfermidades

acariciá-la nas alegrias

plantar, semear e colher seus frutos

alimentar as suas tradições

preservar a sua identidade

não se é açoriano

sem amar as suas ilhas

levá-las ao fim do mundo

morrer por elas

com elas

para elas



#### 544. sem silêncio nem silos, ao eduíno de jesus 2012 chrys

as tuas palavras esguias

insinuam-se enleantes

preenchem os nichos do silêncio

em silos de poesia

buriladas em filigrana

sente a ilha e a língua

nelas aprendi a geografia

e o amor inconquistado

sem silêncio nem silos



#### 596. da minha janela, junho 2013 luciano

*o mar é deus*

*as ondas a sua palavra*

*os romeiros alimentam-se dela*

(poema tuaregue adaptado aos açores)

disse o poeta a seu tempo

da minha janela vejo o mar

o meu quintal é enorme

abarca a linha do horizonte

a minha janela é enorme

abre-se ao círculo dos céus

o meu oceano é enorme

chega às ruínas dos atlantes

só a minha escrita é pequena

nas grades desta prisão



#### 631. ilhas, agosto 2013 carolina

estar numa ilha

é como viver num cais

à espera do barco que nunca chega

viver numa ilha

é sonhar

construir a jangada

desfraldar velas

estar numa ilha

é ir para o campo

plano e raso

à espera que construam

o aeroporto

a única forma

para viver numa ilha

é imaginá-la à saramago

como um continente à deriva

estar na ilha

é imaginar a fuga

sonhar com a saída

levá-la a reboque dos sonhos

embarcar nas nuvens

vogar na maré baixa

planar nas asas dos milhafres

e voltar sempre

ao ponto de partida



#### 675 mar e bruma 2015) pedro paulo

todos os poetas

que escreveram sobre os açores

gastaram a palavra mar

e a bruma

a mim para escrever açores

resta-me a palavra

amar



#### 539. destino ilhéu, 2012 chrys

olhei para o espelho dos dias

e vi-te partir

silente como chegaras

sem sorrisos nem lágrimas

vestias um luar sombrio

deixavas vazio o leito

num luto antecipado

agarrei as nuvens que passavam

levado na poeira cósmica

carpindo dores antigas

acordei sobressaltado

o livro da vida nas mãos

o livor nas faces

o fim há muito antecipado

ficar era o destino

sem levar as ilhas a reboque

será esta a sina ilhoa?

1. *bernardo soares - heterónimo fernando pessoa in Livro do Desassossego (fragmento 92)* [↑](#footnote-ref-1)
2. In Urbano África frente e verso p. 62 [↑](#footnote-ref-2)